

EDITORIAL

Meia-dúzia! Chegamos ao sexto número de nossa Revista Sinais, fechando o terceiro ano de funcionamento do Núcleo de Estudos Indiciários da Universidade Federal do Espírito.

O presente número traz um conjunto de artigos de autores, em sua maioria, ligados ao Departamento de Ciências Sociais da UFES, seja como professores e ex-professores, seja como ex-alunos.

Dando continuidade à publicação de trabalhos que relacionam linguagem e identidade social, o presente número de Sinais abre com o artigo de Luciana Lins Rocha, que destaca o crescente interesse de jovens brasileiros pela literatura dos quadrinhos (mangás) e desenhos animados (animés) japoneses e a oportunidade das escolas incorporarem essas formas de produção e consumo cultural em suas estratégias de letramento. Para a autora, o baixo interesse pela leitura revelado por grande parte dos jovens brasileiros contrasta com o alto nível de interesse e envolvimento dos mesmos jovens em relação a outras formas de produção e consumo culturais. Daí a autora deriva a necessidade de “hibridização entre práticas dominantes de letramento escolar e práticas não-oficiais” e de “desenvolvimento de estudos no sentido de investigar as práticas de letramento dos alunos fora da escola, como websites, games e fanfiction”. Segundo a autora, “se letramento e identidade têm estreita relação, faz-se necessário compreender quais formas de ser e agir a escola tem negligenciado ao legitimar uma única prática de letramento”. O sucesso dos produtos da cultura pop nipônica entre os jovens ocidentais seria decorrente, dentre outras coisas, da sua abertura para a interatividade, onde os jovens reconstroem estórias e personagens, introduzindo a partir daí temáticas de seu interesse que, em geral, estão ausentes daquilo que a escola tende a oferecer. A autora aborda, como exemplo, a importância da temática de gênero e sexualidade colocada naquela produção e silenciada na escola.

Ainda em torno do tema da sexualidade, Murilo Peixoto da Mota remete ao fato de que, embora a pesquisa social sobre pessoas idosas venha ganhando impulso em nosso país nos últimos anos, a sexualidade desse segmento da população ainda é tema pouco estudado. Além de escassa, a pesquisa sobre a sexualidade de pessoas idosas se mantém no marco da heterossexualidade, havendo um silêncio quase absoluto acerca da relação entre homossexualidade e envelhecimento. O autor se coloca a questão de revisar a literatura sobre o tema, problematizando a dupla estigmatização que se aplica aos homossexuais idosos.

Em seu ensaio, Menara Lube se propõe descrever as adaptações metodológicas realizadas por ela em seu trabalho de campo acerca dos grupos de capoeira na cidade de Madri (Espanha). Refletindo sobre as transformações que o processo de globalização coloca para a noção tradicional de campo em Antropologia, a autora mostra como essas transformações impactam em aspectos centrais do método etnográfico, a saber, o trabalho de campo. Além do avanço das tecnologias de informação e comunicação, a intensificação dos fluxos de migração coloca em questão a separação entre a “nossa sociedade” e a “sociedade do outro”, a “nossa cultura” e a “cultura do outro”, o “nosso espaço” e o “espaço do outro”. A autora revisa um conjunto de autores contemporâneos que questionam o colonialismo embutido no método consagrado por Malinowski. Admitir que não há uma distância absoluta entre o Eu (pesquisador) e o Outro (pesquisado) implica em reconhecer que suas identidades se tornam, em vez de fixas, relativas, e põe em questão a narrativa etnográfica que assim se constrói no trabalho de campo.

Ainda no campo da reflexão metodológica, o ensaio de Márcia Barros Rodrigues relata aspectos ligados à pesquisa e diagnóstico histórico-sociológico aplicados no município de Serra – ES tendo em vista a elaboração e implementação de um projeto de intervenção social, com foco no homicídio juvenil. A autora destaca aspectos metodológicos do uso da técnica de história oral em entrevistas de profundidade com moradores dos bairros mais afetados pela violência no município, em particular a combinação de elementos do paradigma positivista através da introdução do paradigma indiciário de base

psicanalítica. Nas palavras da autora, “tal metodologia tem o propósito de superar a dicotomia ainda existente entre racionalidade e irracionalidade, assim como dar conta da dimensão do imaginário e da fantasia (inerente ao humano), na ação política a partir de pistas ou sinais tomados como sintomas”.

O método indiciário serve também a Edgar Gibrá para desmistificar o conceito de Web 2.0 e seus usos no mundo dos negócios. O autor se envolve na polêmica de definir se o conceito de Web 2.0 corresponde a uma nova fase da história da internet ou se trata-se apenas de uma jogada de marketing tão comum aos tempos atuais. Destacando o sucesso do termo Web 2.0 entre os internautas, o autor contextualiza a criação do conceito relacionando-o às estratégias de sobrevivência das empresas após a crise que se abateu sobre a Nasdaq, a bolsa de valores norte-americana que opera com ações das chamadas empresas pontocom. Pensando nas alternativas de negócios que se estabeleceram após a queda da Nasdaq em 2000, o autor situa a Web 2.0 como parte da estratégia das empresas para recuperar a credibilidade perdida e atrair, de novo, os investidores.

Explorando mais um aspecto do pensamento de Gilberto Freyre, Claudio Marcio Coelho retorna às nossas páginas com uma investigação acerca de algumas “matrizes teóricas que inspiraram” a formação antropológica daquele autor. Concentrando sua atenção em Herbert Spencer e Franz Boas, Coelho destaca a influência sobre a Antropologia de Freyre da postura conciliatória de Spencer e da ênfase de Boas no trabalho de campo e na valorização das características de cada cultura em particular. Para Coelho, a recusa dos sistemas fechados e a abertura para a pesquisa dos aspectos cotidianos das culturas específicas fizeram de Freyre um pensador inovador, em suas próprias palavras “nunca plenamente maduro, mas sempre verde”.

Adélia Miglievich aborda o pensamento de outro grande antropólogo brasileiro: Darcy Ribeiro. Comparando obras do autor distantes no tempo, O processo Civilizatório (1968) e O Povo Brasileiro (1995), Miglievich mostra como Ribeiro “desafia essencialismos e determinismos e coloca a história a favor da formação do povo brasileiro”. Longe de querer apagar a memória do processo

traumático de formação do Brasil enquanto nação, Ribeiro busca nessa trajetória de violência e de dor a fonte a busca de uma consciência de si que permita ao povo brasileiro identificar-se e alcançar uma condição de protagonista de seu próprio destino.

O ensaio de Antonia Colbari, de caráter exploratório, aborda as políticas de formação/qualificação profissional e de capacitação social desenvolvidas através de parcerias entre os setores público e privado no estado do Espírito Santo em anos recentes (2005-2007). A análise se concentra nos discursos acerca da “profissionalidade” e da “empresalidade” elaborados por atores estratégicos no cenário capixaba, a saber, o governo do estado, a Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo (FINDES), ONG Espírito Santo em Ação e o SEBRAE-ES. Colbari destaca o alinhamento de interesses observado entre os setores público e privado no que se refere, principalmente, à educação profissional, mas alerta que esse alinhamento não exclui a disputa por espaços, reconhecimento e legitimação social entre os atores envolvidos. No entanto, em linhas gerais, fica clara a vinculação das políticas desenvolvidas a objetivos mais amplos de socialização e legitimação de uma ordem social fundada na centralidade das práticas e relações sociais de natureza capitalista.

Na seção de memória das Ciências Sociais no Espírito Santo trazemos trabalho de Ana Maria Doimo acerca do Movimento de Luta Contra o Desemprego na Grande Vitória, entre os anos de 1981 e 1985. De caráter nacional e articulado a partir da Igreja Católica, o movimento ganhou no Espírito Santo, segundo a autora, “alta intensidade mobilizadora, com passeatas, assembléias públicas e um acampamento de dezessete dias em praça pública central”. Naquele contexto de derrocada do regime autoritário, a experiência do MLCD trouxe à tona “as virtualidades, as ambigüidades e as contradições de uma rica experiência expressivo-mobilizadora, marcada por uma singular interação seletiva entre valores tradicionais, como a comunidade e símbolos religiosos, e códigos ético-políticos emergentes, como a democracia direta e a autonomia”.

Por fim, em nossa seção de entrevistas, temos a participação de nosso colega Thimoteo Camacho que, às vésperas de sua aposentadoria como professor na UFES, nos dá um depoimento denso de humanidade e de paixão mostrando sua trajetória pessoal, intelectual e profissional.

Mais uma vez ficamos gratos por sua companhia. Convidamos você, caro leitor, a observar sinais e acompanhar os esforços de nossos colaboradores para revelar-lhes os significados. Desejamos-lhe uma leitura proveitosa e agradável.

Mauro Petersem Domingues
Editor